Nosso desafio está na inovação

POR ***ADOLFO MENEZES MELITO***
PGA 1994

Vinte e cinco anos se passaram desde a redemocratização do Brasil, período proveitoso para testar nossas instituições e reafirmar a vocação democrática do país. Avanços nas áreas econômica, social e política foram sentidos num longo processo de altos e baixos, porém, com conquistas inegáveis. Aprendemos, passo a passo, como lidar melhor com a economia de mercado e como conviver e colher melhores resultados do equilíbrio entre os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. Na área social, os maiores avanços foram na conscientização de que é prioritário eliminar privilégios e permitir que, através da meritocracia, todos tenham acesso a uma educação de qualidade e a melhores oportunidades de carreira. No entanto, apesar do aumento da conscientização sobre os temas sociais, os avanços ainda são pouco relevantes.

Nestas últimas duas décadas prevaleceu a ideia de que o Estado deveria liderar todas as ações em benefício do desenvolvimento e garantir recursos para todas as áreas, indistintamente. O resultado foi um inchaço da máquina pública, o aumento desmesurado da carga tributária, a presença ineficiente e indesejada do Estado em todos os setores da economia e o sufocamento da atividade produtiva. Quantos anos serão ainda necessários para desatar esses nós?

O País se ressente de ter forjado uma classe empresarial subordinada à proteção do mercado interno, à imposição de conteúdos nacionais e a uma regulação industrial que, ao invés de aumentar, diminuiu a participação do setor industrial na economia, além de impor ao consumidor produtos mais caros e de menor qualidade.

Fosse o Brasil uma empresa com o nível Novo Mercado de governança, as ações de governo teriam sido executadas em direção diametralmente oposta. Primeiramente, estabelecendo prioridades e destinando seus recursos limitados a áreas essenciais, como educação de qualidade, segurança e saúde, submetendo esses segmentos a uma gestão descentralizada, transparente e com métricas de controle. Segundo, fomentando e induzindo o desenvolvimento de segmentos de negócios em que competências técnicas, tecnológicas, gerenciais e expertise de mercado estivessem presentes. Terceiro, pensando grande em termos de participação do País no contexto internacional e buscando negociações multilaterais de amplo alcance. E, por último, acabando com os artificialismos criados por subsídios e elefantes brancos como a Zona Franca de Manaus e a Lei de Informática.

Do lado da iniciativa privada, os trabalhadores certamente prefeririam receber seus salários sem deduções, para decidir livremente que produtos e serviços adquirir – seguros, planos de saúde, transporte, alimentação e outros. No seu papel de consumidores, dariam preferência a produtos e serviços de melhor qualidade e mais acessíveis, em vez de pagar mais caro por produtos fabricados no Brasil.

O desafio é planejar o futuro. Estabelecer as grandes metas em segmentos-chave como energia, infraestrutura, tecnologias digitais, atração da atividade de pesquisa e desenvolvimento de empresas internacionais no país, atração e formação de talentos nas áreas de ciências, tecnologia, engenharia e matemática de classe internacional e crescimento da participação brasileira no comércio internacional, entre outros.

O dinamismo de uma economia depende do grau de inovação dos seus setores produtivos. Esse é o grande desafio da economia brasileira, para gerar empregos de maior valor agregado e melhorar sua posição no *ranking* de produtividade e competitividade internacional. O caminho das startups deve ser explorado. Recentemente, a Associação Brasileira de Startups (ABStartups) e a Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (Anprotec) mapearam perto de 50 polos de conhecimento e tecnologia no Brasil, os chamados *Valleys*.

As iniciativas privadas estão colocadas. É preciso agora definir quais desses polos podem, seletivamente, constituir centros de excelência de geração de negócios inovadores, reunindo conhecimento (universidades), atividade intensa de P&D de empresas internacionais (centros de pesquisa), startups (empreendedores) e fontes de recursos (capital de risco). São esses os quatro pilares que transformaram o Silicon Valley, Tel Aviv e Londres em grandes polos de geração de inovação de startups de alto impacto.

O Silicon Valley remonta à invenção do transistor (década de 1950) e ao desenvolvimento da indústria de chips e microprocessadores, fundada no conhecimento (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática). A Universidade Stanford desempenhou papel relevante nesse desenvolvimento. O mercado norte-americano é hoje o que atrai maior volume de capital de risco – US$ 67 bilhões em 2016.

Israel, a Nação de Startups, se fundamenta na "ousadia" de jovens recém-egressos do serviço militar, no conhecimento e na base tecnológica, também calcada na indústria da defesa. O grande movimento das startups também começou há 25 anos. Hoje, o país concentra P&D de mais de 300 empresas de expressão internacional e atrai US$ 6,0 bilhões de capital de risco por ano.

A East London Tech City (hoje, London Tech Nation) foi batizada de *Silicon Valley* inglesa. Essa região, que, em 2010, já contava com 85 startups, atraiu cerca de 40 empresas de projeção internacional para desenvolver atividades de P&D. O número de startups hoje supera 5.000, atraindo investimentos anuais superiores a US$ 10,0 bilhões.

Adolfo Menezes Melito é fundador e presidente do Instituto de Economia Criativa e da Plataforma de Equity Crowdfunding MyFirstIPO. Foi dirigente de empresas nacionais e multinacionais em diferentes segmentos.

Ilustração Ágatha Kretli